

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Instituto de Educação

**Grupo de Pesquisa e Extensão Redes de cultura, estética e formação na/da
cidade – Recidade**

VIII SEMINÁRIO INTERFACES PEDAGÓGICAS:

Licenciaturas em Diálogo – “Amar e mudar as coisas (nos) interessa mais”¹

Primeira Circular

Queridas pessoas,

Retomamos nosso Seminário após dois anos em atividades remotas, nas quais suprimimos parcialmente a identidade do Interfaces, tendo em vista seu caráter fortemente presencial em que as relações sociais derivadas do contato próximo e do olho no olho são destacadas e desejadas por participantes.

Nesta edição, buscamos uma mescla: a maior parte das modalidades serão na tela, mas deixamos uma fatia importante para o presencial, aquela que tem sido mencionada em avaliações como um lugar de acolhimento, reflexão e horizontalidade – as cirandas!

Teremos, então, a oitava edição híbrida², porém, contabilizamos dez anos de trajetória. Foi durante o ano letivo de 2012 que organizamos o primeiro Seminário, fruto do desejo de partilhar e potencializar a produção de conhecimento das licenciaturas. Conhecimento esse sempre duvidado, problematizado e secundarizado frente a outras ciências.

Com o decorrer do tempo, fomos ampliando objetivos, temas e parcerias, incluindo diálogos com a escola pública, movimentos sociais e a cidade, ratificando-a como espaço educativo.

Nos últimos anos, ocorreram verdadeiros atentados à educação, pois tivemos profundos cortes de verbas e um aumento, ainda maior, da influência do mercado e sua perspectiva liberal nas políticas públicas tanto na escola quanto na universidade.

¹ BELCHIOR. *Alucinação*. Álbum *Alucinação*, 1976.

² Cumpre destacar que, embora essa intenção, levaremos em conta as condições institucionais e sanitárias do contexto e, se for necessário, realizaremos todo o evento de forma remota.

Modelos empobrecedores intelectual e culturalmente são adotados em nome do pragmatismo econômico: todas/os/es devem ser empreendedoras/es de si; crianças e jovens têm suas formações em risco; e a profissão professor/a esvazia-se frente a um conjunto de medidas que incluem o aumento do controle do trabalho docente, a persuasão ao uso de metodologias tecnicistas e o conteudismo seletivo e esvaziado de sentido.

Os recuos democráticos ecoam em todas as esferas da vida em sociedade e frágeis fios de sociabilidades são esgarçados deixando expostas as chagas da barbárie. O ódio, como linguagem política, torna-se hegemonia no país e a violência estatal e civil age (quase) sem freios. Todos os dias nosso cotidiano é inundado por notícias que aviltam nossa condição de pessoa/gente/humana.

Então, o que nos motiva a escolher o amor como tema desta oitava edição?

Recorremos a três inspirações, presentes na linda obra que representa a oitava edição, criada pela arte-educadora Lais Santos a partir de bordados e colagens: a filósofa feminista bell hooks, o educador Paulo Freire e o compositor Belchior.

Bell denunciou o desamor como uma “bênção ao consumismo” capitalista, pois manter a ‘escassez do amor’ é estratégia para preenchermos nossos vazios com coisas, trecos, espelinhos. Para ela, o amor é intenção e ação ao mesmo tempo:

Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo – contra a alienação e a separação. A escolha por amar é uma escolha por conectar – por nos encontrarmos no outro. Uma vez que muitos de nós estamos aprisionados pelo medo, só podemos nos mover em direção a uma ética amorosa por meio de um processo de conversão. (hooks, 2020, p. 129-130)³.

Amamos a ideia do amor, sobretudo, porque nos permite resistir ao medo e nos conectar com outras e diferentes pessoas, conforme nos ensina a autora. O amor é um ato político!

Paulo Freire, ao largo de sua obra, defendeu a amorosidade como parte de uma ética-estética compromissada com a vida e a transformação de relações de subserviência e dominação, em que uns valem mais do que outros. Freire abominava a exploração e defendia o direito à raiva, diante de tantas injustiças.

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a

³ hooks, bell. **Tudo sobre o amor** – novas perspectivas. Trad.: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

História como tempo de possibilidade e não de determinação. (FREIRE, 1997, p. 84)⁴.

O amor, nesse caso, é um direito, uma motivação para lutas contra o determinismo que aprisiona o presente e condena o futuro. O amor move!

É, no entanto, das composições de Antônio Carlos Belchior – o Belchior – que extraímos o tema de nosso evento: “**Amar e mudar as coisas (nos) interessa mais**”! O poeta nordestino, preciso nas palavras (que ‘cortam feito faca’), deixou-nos de legado uma obra forte, impactante, cuja escrita parece ter sido feita especialmente para nós, contemporâneos/as de um tempo de distopias. Encarou a vida e ousou *sair de cena* para ser (ou não ser) o que escolheu para si, negando e repudiando regras padronizadas pela sociedade de consumo.

Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais.
(BELCHIOR, 1976)⁵.

Aprendemos, com suas composições, que ser gente pobre, há muito tempo, em uma sociedade de classe, significa resistir e reinventar. Em *Eu conheço meu lugar*, diz:

O que é que pode fazer o homem comum
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar
A vida comovida
Inteiramente livre e triunfante? (BELCHIOR, 1979)⁶.

Amar, para esse poeta popular, é sinônimo de denunciar, mas, também, de inaugurar pela rebeldia outros jeitos de ser e estar no mundo. Desabamos, por vezes, mas insistimos em persistir, acordar para o novo, mesmo quando esmaecido sob o mofo do velho, de quem está preso ao passado.

Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer. (BELCHIOR, 1976)⁷.

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁵ BELCHIOR. **Alucinação**. Álbum *Alucinação*, 1976.

⁶ BELCHIOR. **Eu conheço o meu lugar**. Álbum *Era uma vez um homem e seu tempo*, 1979.

⁷ BELCHIOR. **Velha roupa colorida**. Álbum *Alucinação*, 1976.

Desejamos muito e nos empenharemos nessa tarefa de rejuvenescer e aprender com as juventudes novas e inusitadas lições.

Nossa homenagem a Belchior é, também, uma homenagem a todas/os/es que não se vergam e conservam com lucidez sementes boas, arquitetando as condições para vê-las brotar, enfim.

Com paciência e persistência, veremos!

Esperamos por vocês, que são a razão dessa sementeira, em mais este **Interfaces Pedagógicas**, que também não se dobra à pobreza de proposições que tudo objetificam, deixando crianças, jovens e adultos à mercê da necropolítica (MBEMBE, 2016)⁸, esse instrumento perverso de ‘soberania’ da sociedade liberal que decide quem vive/morre, como vive/morre e desinventa o futuro transformando-o em um permanente *looping* do presente.

Dias 29 e 30 de novembro e 01 de dezembro vindouros queremos que estejam conosco, cúmplices na tarefa árdua e bela de reexistir, pois, fazendo nossas as palavras de nosso muso Belchior, “não sou feliz, mas não sou mudo. Hoje eu canto muito mais”⁹.

Abraço carinhoso.

Rio Grande, julho de 2022.

Coletivo Recidade

Inscrições: <https://sinsc.furg.br/detalheseventos/1715>

Site: <https://seminariofurg.wixsite.com/interfaces2022>

⁸ MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. n. 32, p. 122-151, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> Acesso em: 18 jul. 2022.

⁹ BELCHIOR. **Galos, noites e quintais**. Álbum *Coração Selvagem*, 1977.